

Nossos Visitantes

Vamos continuar nossa viagem...No volume 2 percebemos a importância das nossas histórias e do valor que o nosso lugar possui. Como os nossos antepassados são importantes e nos deixaram uma herança de costumes que formam a nossa identidade. Olhamos para a geografia da região em que vivemos e como ela vem sendo transformada pelas ações coletivas, mudando o clima, o relevo e criando novas paisagens, às vezes melhores, às vezes piores. Vimos que é necessário agir com responsabilidade porque todas as atividades alteram o ambiente e influenciam outras pessoas. E assim compreendemos que o nosso lugar e a nossa comunidade possuem um importante patrimônio que são os recursos e belezas naturais ou culturais incluindo a nossa história de luta, as resistências, dificuldades e conquistas que nos trouxeram até aqui. A forma como mostramos essa riqueza para os visitantes pode gerar benefícios para todos os envolvidos, trazendo não só mais renda, mas melhores condições de vida, aprendizado, orgulho e satisfação, dando ainda mais força para continuar lutando pelos nossos direitos e pelo nosso futuro.

Para iniciar esse Volume 3, vamos pensar um pouco juntos: Quando você sabe que vai chegar uma visita importante em sua casa, o que você faz? Como você se prepara? Procura deixar as coisas arrumadas? Se preocupa em saber o que o visitante vai comer, quanto tempo vai ficar? E quando você vai para casa de alguém, o que você espera encontrar?

Refleta e discuta com seus colegas sobre essas questões e elabore um texto com os resultados dessa discussão.

Pois bem, tanto no papel de quem recebe como no de quem viaja, precisamos tomar algumas decisões para que tudo aconteça da melhor maneira possível.

Ao estudar o que sua comunidade pode oferecer e compreender o que os visitantes buscam, você pode contribuir para um turismo mais equilibrado e responsável, com resultados melhores para todo mundo.

Então vamos aprender um pouco mais sobre como fazer isso....

Como vimos nos livros anteriores, nosso grupo de amigos formado por Luiza, Carlos, Mel e Maiara estavam visitando a comunidade quilombola de Jamila para saber como eles fazem para desenvolver o turismo cultural e criativo.

Os visitantes ficaram impressionados com a forma como a comunidade integrava clima, cultura e natureza em suas ofertas turísticas. Eles perceberam que um planejamento cuidadoso, respeitando as características de cada período do ano, não apenas enriquece a experiência dos visitantes, mas também assegura a sustentabilidade e o respeito às tradições locais

Após um dia repleto de atividades e trocas culturais, o grupo se reuniu ao redor de uma fogueira para experimentarem batata doce assada. O céu estava pontilhado de estrelas, e o calor do fogo criava um ambiente acolhedor, na noite fria.

Jamila, a líder comunitária, observava seus convidados com um sorriso satisfeito. “Espero que vocês tenham aproveitado as atividades e aprendido um pouco com nossa comunidade.”

Luiza, ainda absorvendo tudo o que havia vivenciado, respondeu: “Com certeza, Jamila. Foi inspirador ver como vocês integram o turismo com a preservação cultural. Cada detalhe é pensado para respeitar e valorizar a identidade local.”

Mel, ao lado de Luiza, acrescentou: “Eu gostei do que vivi, mas me pergunto: será que turistas também gostam? Será que o que eu tenho na minha comunidade vai atrair alguém?”

Jamila assentiu. “Entender o que cada visitante procura nos ajuda a oferecer algo que atenda do interesse deles, sem deixar de lado nossas tradições.”

Maiara, olhando para as chamas, perguntou: “E as diferenças culturais? Como vocês lidam com isso?”

“Aprendemos a ver essas diferenças como uma oportunidade de troca,” explicou Jamila. “Cada cultura traz algo único, e nosso papel é facilitar essa troca de forma respeitosa.” Continuou: “Recebemos um grupo indígena que nos ensinou a fazer um peixe com ervas aqui do quintal, que só usávamos para remédio. E ficou bom! Isso não apenas enriqueceu nosso conhecimento culinário, mas também criou uma conexão através da comida.”

Contextualizando...

Os turistas não estão mais satisfeitos apenas com a visita aos pontos turísticos tradicionais. Eles buscam experiências autênticas e únicas. Muitos preferem interagir com a cultura local, participar de atividades únicas e escapar das multidões. Enquanto outros querem curtir festas e agito, há aqueles que só buscam descansar e não abrem mão da tranquilidade com segurança.

Seja qual o motivo principal da viagem, estando no destino, atividades variadas podem acrescentar bons momentos e enriquecer a estada.



Saiba mais no artigo:
[O novo perfil do turista](#)





Você recebe visitantes em sua comunidade? De onde eles são? O que buscam? Vão como? Com quem? Fazem o quê? Ficam quanto tempo? Comem o quê? Onde? Qual o contato que você tem com eles?

Com essas respostas você definiu a demanda atual. Perfil de quem hoje visita sua comunidade.

Agora liste quem você quer que chegue até sua comunidade? Com quais interesses? Para fazer o que? Onde? Quando? Essas respostas define a demanda potencial desejada.

Leve suas respostas para debate em sala.

Carlos, que havia passado o dia observando atentamente, comentou: “Durante as atividades, percebi como vocês usam o que cada um de nós conhece a favor das experiências aqui na comunidade. As conversas com nossa participação fazem toda a diferença, como saber quem já tinha moldado uma peça com argila antes, ou quem conhecia as plantas e como usava. Isso nos coloca na cena...”

“Isso é fundamental,” concordou Jamila. “Queremos que os visitantes se sintam bem-vindos e para respeitar nossos costumes, precisamos ouvir e respeitá-los também. São pessoas que trazem seus conhecimentos, seus modos e as vezes são diferentes dos nossos. Importante que eles saibam como se comportar, mas só em escolherem aqui para visitar, já mostram certo interesse e as informações que damos antes e durante a visita são essenciais para isso.”

Curiosa, Luiza perguntou: “E se houver algum inconveniente, com visitantes se comportando mal? Como vocês resolvem?”

“Sempre com diálogo,” respondeu Jamila, com serenidade. “Procuramos entender o ponto de vista do outro e explicar o nosso. Colocamos os nossos limites e explicamos o porquê das coisas serem como são, o que pode e o que não pode e pedimos respeito com respeito. Tem funcionado. Ainda bem!”

Maiara, declarou: “Estou levando muitas ideias para minha comunidade. Podemos adaptar várias dessas práticas para criar um turismo que respeite nossas diferenças. Penso em informar o turista antes dele chegar na nossa comunidade sobre o respeito às mulheres e crianças, quais as boas práticas que ele deve adotar. Exemplo: não fotografar sem permissão, não usar termos pejorativos, não ficar encarando, não tocar etc. Muitos acham que vão nos achar sem roupas e vão por essa curiosidade.”

Mel, comentou: “Na nossa comunidade tratamos todos iguais independente do gênero. Faremos questão de ter recepcionando os visitantes pessoas representativas da comunidade LGBTQIANP+. Assim como temos os que dominam a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) que serão nossos parceiros.”

“Em nossa comunidade,” falou Jamila, “diversidade é mais do que uma palavra. É a essência do que somos. Aqui, respeitamos as diferenças de sexo, identidade de gênero, etnia e idade. Porém, somos uma comunidade matriarcal e as mulheres assumem as posições de liderança, com raríssimas exceções.”

Maiara, acrescentou: “Na minha cultura, aprendemos desde cedo a valorizar as pessoas como elas são. Cada um de nós tem um papel a desempenhar, e nossas diferenças nos fortalecem.

Mel, que sempre sentiu a necessidade de um espaço inclusivo, compartilhou sua perspectiva: “Diversidade sem inclusão pode levar à marginalização. Já vivi isso. É essencial que as comunidades não apenas reconheçam as diferenças, mas também criem espaços onde todos se sintam acolhidos e valorizados.”

Carlos concordou, destacando a importância da inclusão no ambiente de trabalho. “Na cooperativa, trabalhamos para garantir que todos, independentemente de suas origens ou habilidades, tenham a chance de contribuir plenamente. Muitos dos nossos coletadores estão em situação de rua, e a cooperativa acolhe e remunera pelos seus achados de forma justa. Isso não só enriquece nosso ambiente, mas também nos torna mais solidários e humanos.”

Luiza refletiu sobre suas experiências na capital. “Vejo que a diversidade é reconhecida, mas muitas vezes falta inclusão. Precisamos criar ambientes onde a variedade de experiências e ideias não seja apenas aceita, mas celebrada. Para isso precisamos também levar em consideração a acessibilidade”

Jamila, continua “A inclusão é uma jornada constante. Pequenas ações podem gerar grandes mudanças. Devemos trabalhar ativamente para identificar e eliminar práticas discriminatórias, promovendo um ambiente acolhedor e seguro para todos e garantir que todas as pessoas, independentemente de suas capacidades físicas, tenham acesso pleno aos espaços e serviços.”

“A acessibilidade é mais do que uma rampa ou um elevador,” explicou Carlos. “É sobre garantir que todos possam participar da vida comunitária de forma independente e digna.”

Luiza, que tinha experiência em projetos urbanos na capital, acrescentou: “Em muitos lugares, ainda encontramos barreiras que impedem a participação plena de pessoas com deficiência. Precisamos pensar em acessibilidade desde o início, não como um complemento.”

Mel, que conhecia bem os desafios enfrentados por pessoas com deficiência em sua comunidade, concordou: “A acessibilidade deve ser uma prioridade. Não se trata apenas de cumprir leis, mas de garantir que todos tenham a oportunidade de participar igualmente.”

Maiara, refletindo sobre sua própria comunidade, observou: “Em nossas aldeias, a acessibilidade é vista de forma ampla. Não se trata apenas de estruturas físicas, mas também de garantir que todos tenham acesso às informações e serviços, respeitando suas necessidades.” Corrimão com cordas e retirada dos obstáculos ajudou para que nossa parente cega tenha autonomia na Aldeia.

Carlos, que trabalhava diretamente com materiais recicláveis, viu uma conexão com seu trabalho. “Podemos usar materiais reciclados para criar soluções acessíveis e sustentáveis. A acessibilidade não precisa ser cara; precisa ser inteligente. Uso de imagens na sinalização as torna mais fácil a compreensão para todos. Para que usar o termo WC se podemos ter a imagem de um vaso sanitário para indicar o banheiro?”, terminou Carlos fazendo todos rirem.

Jamila enfatizou que a acessibilidade é um direito fundamental. “Quando garantimos acessibilidade, melhoramos a qualidade de vida das pessoas com deficiência, permitindo maior independência e participação, mas temos que pensar também

em favorecer a todos: idosos, pessoas com dificuldade de locomoção temporária, por ter quebrado o pé por exemplo, mulheres grávidas ou carregando crianças. São muitas possibilidades que precisam ser previstas.”

O grupo discutiu maneiras de implementar essas ideias em suas próprias comunidades. Eles reconheceram que a acessibilidade não apenas beneficia aqueles com deficiência, mas enriquece a sociedade como um todo, promovendo um ambiente mais inclusivo e acolhedor para todos.

O grupo concordou que a diversidade se refere à variedade de características e experiências que fazem parte de um grupo de pessoas, incluindo raça, etnia, gênero, identidade de gênero, sexualidade, idade, religião, deficiências, nível socioeconômico, educação e experiências de vida. Eles reconheceram que a inclusão é o processo de criar um ambiente em que todas as pessoas, independentemente de suas diferenças, se sintam valorizadas, respeitadas e capazes de contribuir plenamente.

Enquanto a noite avançava, o grupo sentiu que essa discussão era apenas o começo de um compromisso maior com a diversidade e a inclusão em suas próprias comunidades. Inspirados pela experiência no quilombo, cada um estava determinado a levar essas lições adiante, promovendo a equidade e o respeito em todos os contextos de suas vidas.



Para refletir:

Diversidade e inclusão - Após assistir esse vídeo, pense em como você trata os diferentes. Liste as diferenças existentes na sua comunidade e leve para a sala de aula algumas soluções para melhorar a inclusão.



Saiba mais:

Aqui estão alguns exemplos de atitudes mais inclusivas que você pode incorporar em seu dia a dia:

- Evite usar termos generalizantes ou estereótipos. Use palavras mais simples.
- Uma mesma pessoa pode ter várias características, pois diferentes aspectos da identidade se cruzam e influenciam as experiências das pessoas. Evite fazer suposições sobre as pessoas. Pergunte como elas preferem ser tratadas.
- Tente se colocar no lugar do outro. Como você se sentiria se estivesse no lugar do outro?
- Converse com as pessoas da comunidade sobre a importância da inclusão e do respeito às diferenças.
- Cobre da esfera governamental políticas inclusivas.
- Evite fazer comentários generalizantes sobre grupos de pessoas. Por exemplo, todo brasileiro gosta de feijoada.
- Denuncie discursos de ódio e promova o respeito às diferenças.
- Evite piadas. Apesar de parecerem engraçadas elas são microagressões, ou seja, são ofensivas ou discriminatórias, mesmo que não sejam intencionais.

Aprenda!



Algumas expressões preconceituosas em nosso dia a dia foram utilizadas durante muito tempo. Quanto mais aprendemos, mais podemos melhorar. Veja as 10 frases e expressões homofóbicas para tirar do vocabulário (terra.com.br)

